

O Vaticano não publicou todo o segredo de Fátima

Acabamos de receber um estudo do Abbé Fabrice Dellestre, nos **Cahiers de Saint Jean Eudes**, a respeito do Terceiro Segredo de Fátima.

Esse estudo é de valor extraordinário pela inteligência de sua análise, a qual comprova, com argumentos fortíssimos, que o Vaticano não publicou as palavras de Nossa Senhora de Fátima explanando aos videntes o significado da misteriosa visão que eles tiveram, há pouco revelada.

Queremos dar, por ora, apenas um dos argumentos do Abbé Dellestre, pessoa que não conhecemos nem sabemos a que organização pertence. Por isso, considerando apenas o que é dito e não por quem é dito, nós louvamos a inteligência, zelo, argúcia e destemor por ele manifestados nesse trabalho.

É bem conhecido o fato de que as três crianças às quais Nossa Senhora apareceu em Fátima tinham uma participação curiosamente graduada e hierárquica nas aparições.

Lúcia, a mais velha das videntes – tinha 10 anos em 1917 – **via** Nossa Senhora, **ouvia** o que Ela dizia, e **falava** com a Virgem Santíssima.

Jacinta **via** Nossa Senhora e **ouvia** suas palavras, mas **não falava** nada.

Francisco apenas **via** Nossa Senhora, mas **nem ouvia** o que Ela dizia, **nem falava** com a Virgem Maria.

Essa desigualdade de favor sempre foi entendida como causada pela desigualdade de graças, ou pela desigualdade de missões ou de virtude dos três videntes.

Agora, com a publicação do chamado Terceiro "Segredo" -- as aspas da palavra segredo são empregadas no documento oficial do Vaticano --, fica mais claro porque Deus fez essa desigualdade de favor aos três pastores de Aljustrel.

Ao concluir a revelação dos três segredos, na aparição de 13 de julho de 1917, Nossa Senhora disse, segundo a IV Memória redigida por Irmã Lúcia:

"Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé, etc. **Isto**, não o digais a ninguém. **Ao Francisco, sim , vós podeis dizê-lo**" (cf. IV *Mémória* de Lúcia, op. cit., p. 172-173).

O "isto" era o terceiro segredo.

Essa frase comprova que havia uma explanação de Nossa Senhora. Explanação que Francisco **não ouviu, mas que os dois outros videntes podiam lhe contar**.

LOGO, HAVIA MAIS DO QUE UMA VISÃO.

Havia uma exposição da visão feita por Nossa Senhora e que as crianças deviam manter em segredo até certa data.

Francisco, que tudo podia ver, mas nada ouvia, **viu** a visão agora divulgada pelo documento publicado pelo Vaticano, mas **não ouviu** o que Nossa Senhora disse a respeito dessa visão. Por isso, Nossa Senhora mandou à Lúcia e à Jacinta que contassem a Francisco **o que Ela lhes dissera sobre a visão que tiveram.**

Se, como faz crer o documento há pouco publicado, o terceiro segredo consistisse apenas numa visão, Lúcia e Jacinta nada teriam a contar a Francisco.

-
Portanto, o Vaticano publicou a visão, mas não as palavras do Terceiro Segredo

Os católicos estão, hoje, na mesma situação de Francisco, quando viu a cena da misteriosa visão que o Vaticano publicou em 26 de junho passado.

É por essa razão que não há a assinatura de Irmã Lúcia no texto publicado pelo Vaticano, e que a data do documento aparece estranhamente apertada, num fim de página e num fim de linha.

Faltou o essencial do Terceiro Segredo (sem aspas).

Por que o Vaticano omitiu as palavras de Nossa Senhora?

Por que publicou só a visão que as crianças tiveram?

Por que essa publicação só agora?

Por que o segredo sobre a mensagem do Terceiro Segredo?

Só pode haver uma resposta: o Terceiro Segredo fala de uma imensa crise da Fé que ocorreu na Igreja, após o final da Segunda Guerra Mundial.

A crise da Fé, ocasionada pelo Concílio Vaticano II estará, de algum modo, indicada no texto do Terceiro Segredo que não foi publicado?

Se estiver indicada, fica explicada a relutância em divulgar o que Nossa Senhora revelou.

Se não, por que publicar só a visão?

Por que omitir o essencial? Por que publicar parcialmente o que constitui o Terceiro Segredo de Fátima agora?

Por que exatamente AGORA?

O mistério se deslocou.

Mas o Segredo está mais transparente, agora, pela própria omissão praticada.

São Paulo, 30 de agosto de 2.000.

Orlando Fedeli